

“A PORTA MÁGICA” *

Luci Teixeira

Eras da porta! Era encantada. “Não, não. Porta encantada, não. Eu falei *Porta Mágica*. *Porta Mágica*. Encantada e se antes de ser porta fosse um sapo e a fada transformasse o sapo em porta. Aí era Porta Encantada, que poderia de novo transformar-se em sapo. Nada de portas encantadas. A minha porta é mágica. Diferente, Duda, você olha, parece que é madeira. Mas atravessa por ela como se fosse de papel”. Sim, Mariana pode ter a certeza de que já comecei a fechar os olhos e dar um suspiro bem forte a fim de encontrar a entrada na sua *Porta Mágica*. Caso não consiga penetrar do outro lado, já valeu a entrada no mundo mágico de vocês. Tenho a impressão de que fui fisgada por essa entrada, agora quero ir até a última linha.

Mas, afinal, quem é Mariana? É a personagem principal do livro *A Porta Mágica* (Editora Scipione, São Paulo) do paraense Haroldo Maranhão, premiado em Coimbra. É um livro leve de que Oscar Lopes gostou, mas gostou muito mesmo!

Para início de conversa, Haroldo Maranhão é um escritor notável. Tem um texto delicioso. Crianças que leram o *Dicionário Maluco* o adoram. A moçada que ler *A Porta Mágica* vai amá-lo. Os leitores de *Os Anões*, *As Peles Frias*, *A Morte de Haroldo Maranhão* e tantos outros títulos, entre os quais o recentíssimo *Rio de Raivas*, o têm em mais alta conta. Eu, que sou uma leitora de todas as idades, o amo. O amo com amor de leitora paraense que encontra e reencontra a terra, a fala, a história daqui da literatura dessa terrinha tão nossa.

A linguagem de Haroldo Maranhão é a que está na rua, na boca do povo, é aquela que vai do Ver-o-Peso ao colégio. A fala paraense está todinha lá: “Quando tu vinhas eu já ia”. “Também duvi-de-o-do”. “Sou pavio curto”. Quem diz isso é Mariana caracterizando tão bem o nosso linguajar. Expressões como: “... Tu mentes pelos cotovelos...” “te pôs mais baixo que o chão...”, “Eu, hein, Rosa...” que ouvimos ao nosso dia-a-dia. O pronome tu, tão nosso é empregado algumas vezes de maneira relaxada, como se observa em: “...tu nunca soube...” onde deveria aparecer um *soubeste*. Chega até a usar o til nas falas dos Nagibinhos — Nada, Mãno. Ā Māriānā ? jābuticābā pārá ōutrā bōcā...” - para mostrar que eles eram fanhosos. Não há dúvida de que há uma identidade entre o autor, sua terra e sua gente.

Agora que já entrei, sei que a história se passa na Tijuca, no Rio de Janeiro, onde um grupo de crianças cria uma sociedade secreta denominada de *Cavaleiros da Madrugada*, com a finalidade de reunir contadores de histórias misteriosas e estranhas. Elas vão surgindo e a realidade se esvai para dar lugar à criatividade. Esse mundo de fantasia vai envolvendo o leitor e de repente junto com o autor, vemos “uma vaca explodir” ou “uma chuva de rã”.

Enquanto isso, começam a aparecer cartas anônimas chamando Mariana de mentirosa e bruxa. Todos desconfiam de Brunehilde, sua inimiga.

Os Nagibinhos, que são gêmeos, conhecidos por aprontar molecagens, (capaz de Haroldo ter se inspirado nos Farazinhos. Ele é mestre nisso. O povo de Belém tá todinho em suas obras para gente grande. Quer ver? Leia *Rio de Raivas*), decidem vingar Mariana, trocando os objetos da casa da Brunehilde pelo os do Comandante Pundonoroso. A confusão está armada com polícia e tudo.

Ao mesmo tempo, Mariana faz uma descrição para Duda e Tripa-do-bai a respeito do senhor Pym, que mora do “Lado de Lá”. Um lugar diferente que se chega através de “um suspiro especial”.

Mariana também percebe que pode ler pensamentos, logo descobre quem escreveu tais cartas. Depois de tudo nos seus lugares, resolve passar para o “Lado de Lá”, e com ela vai a minha vontade de estar lá, igualzinha a vontade de Dalcídio Jurandir em *Ponte do Galo*: “Arco-Íris, me leva para outro lugar que não seja isso” Ce vem comigo? Ou melhor, com Haroldo Maranhão.

* Publicado no Jornal O Liberal, em 1998